



OS CONTOS DE FADAS NO CURRÍCULO DA ALFABETIZAÇÃO: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO SEU USO NOS DISCURSOS DO LETRAMENTO LITERÁRIO, PEDAGÓGICO, PSICANALÍTICO E MULTICULTURAL

Maria Beatriz de Freitas Vasconcelos (UFMG)¹
Maria Carolina da Silva Caldeira (CP/UFMG)²

Resumo

A literatura infantil e, particularmente, os contos de fadas têm lugar central no currículo da alfabetização. Essas histórias são acionadas com fins diversos nos processos de escolarização, relacionadas, sobretudo, à aquisição da leitura e da escrita. Contudo, muitas outras aprendizagens acontecem no contato com essas obras que podem corroborar para a noção do que é o mundo e de como se dão as relações entre as pessoas. Os contos de fadas também estão presentes no cotidiano das crianças, por meio do mercado audiovisual, atuando como artefato cultural que ensina modos de ser e estar no mundo. Essas narrativas são significadas por diferentes discursos, que foram produzidos ao longo da história, para construir uma literatura voltada para a infância. Os primeiros livros publicados para crianças, por exemplo, serviram como instrumento pedagógico de dada época porque muitos deles eram histórias que acionavam ensinamentos de cunho moral. Hoje, os contos de fadas, ainda muito utilizados com a intenção de moralizar, justificam a sua oferta para com crianças por meio de variados discursos, como, por exemplo, os discursos do letramento literário, pedagógico, psicanalítico e multicultural. Há uma ausência de pesquisas que abarquem os modos de subjetivação generificados que decorrem da relação entre alfabetização, contos de fadas e gênero/sexualidade. Nesse sentido, este trabalho busca mostrar como os contos de fadas são significados por esses diferentes discursos, atuando como um currículo que aciona modos de subjetivação generificados no currículo da alfabetização. A trajetória metodológica e o referencial bibliográfico se fundamentam na base teórica pós-crítica que contempla uma concepção de currículo como artefato cultural e se alia ao campo de investigação dos Estudos Culturais. O currículo é entendido como um conjunto de práticas que produzem saberes, sujeitos e subjetividades.

Palavras-chave: Contos de fadas. Discursos. Currículo. Alfabetização.

Resumen

La literatura infantil y particularmente los cuentos de hadas son fundamentales para el plan de estudios de alfabetización. Estas historias se desencadenan para diferentes propósitos en los procesos escolares, principalmente relacionados con la adquisición de lectura y escritura. Sin embargo, muchos otros aprendizajes ocurren en contacto con estos trabajos que pueden corroborar la noción de lo que es el mundo y cómo

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: mariabeatrizrn@hotmail.com.

² Docente do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Educação. E-mail: mariacarolinasilva@hotmail.com.



tienen lugar las relaciones entre las personas. Los cuentos de hadas también están presentes en la vida cotidiana de los niños, a través del mercado audiovisual, actuando como un artefacto cultural que enseña formas de ser y estar en el mundo. Estas narrativas están representadas por diferentes discursos, que se han producido a lo largo de la historia, para construir una literatura centrada en la infancia. Los primeros libros publicados para niños, por ejemplo, sirvieron como una herramienta pedagógica de un momento dado porque muchos de ellos eran historias que desencadenaron enseñanzas de naturaleza moral. Hoy en día, los cuentos de hadas, todavía ampliamente utilizados con la intención de moralizar, justifican su oferta a los niños a través de diversos discursos, como, por ejemplo, discursos literarios, pedagógicos, psicoanalíticos y de alfabetización multicultural. Hay una ausencia de investigación que abarque los modos de subjetividad de género que resultan de la relación entre alfabetización, cuentos de hadas y género / sexualidad. En este sentido, este trabajo busca mostrar cómo los cuentos de hadas son representados por estos diferentes discursos, actuando como un plan de estudios que desencadena modos de subjetividad que están relacionados con el género en el plan de estudios de alfabetización. La trayectoria metodológica y la referencia bibliográfica se basan en la base teórica pos-crítica que incluye un concepto de currículum como artefacto cultural y aliados con el campo de investigación de Estudios Culturales. El plan de estudios se entiende como un conjunto de prácticas que producen conocimiento, asignaturas y subjetividades.

Palabras clave: Cuentos de hadas. Discursos. Currículum escolar. Alfabetización.



1. Introdução

A literatura infantil faz parte dos diferentes processos sociais de que as crianças participam e tem sido inserida em diferentes contextos. Um deles é o currículo escolar. A partir do momento em que a escola se institucionalizou e começou a ensinar crianças, as produções literárias voltadas para esse público passaram a compor os processos de ensino e aprendizagem, seja porque uma das funções da escola é ensinar a ler esses textos, seja porque a escola é uma das principais compradoras de livros de literatura infantil. Desse modo, a literatura infantil atua como currículo e é acionada por diferentes discursos para ensinar coisas diversas às crianças. Ela colabora para a construção de relações, dinâmicas sociais e dimensões do convívio, especialmente quanto às normas de gênero.

Pode-se dizer que, dentre as diversas obras que compõem a literatura infantil, os contos de fadas se tornaram as produções mais representativas junto às crianças. Eles estão presentes no cotidiano delas e marcam o começo da aquisição da leitura no currículo da alfabetização, sendo usados com diferentes finalidades. Foi a partir desses contos que a literatura infantil foi produzida discursivamente no final do século XVII, na França. Esse dado histórico nos ajuda a compreender como os contos de fadas se espalharam pelo mundo todo acompanhando as dinâmicas colonizadoras da Europa para com a América Latina, por exemplo.

Tais narrativas possuem origens europeias, de uma sociedade diferente da cultura brasileira e europeia contemporânea, de uma dada época e com configurações específicas entre os gêneros, quando se demarcavam padrões heteronormativos e patriarcais. Esses contos, em sua maioria, foram escritos por homens³ inseridos em um tempo histórico específico, no qual as mulheres,

³ Os autores dos contos de fadas mais populares são: Charles Perrault (1628 – 1703): “Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, Cinderela ou A Gata Borralheira ou O sapatinho de vidro, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar”. Jacob Grimm



por exemplo, eram representadas com características de passividade, cuidado e subserviência em prol de uma felicidade focada no “encontro do marido perfeito, sempre apresentando heroínas dóceis, pacientes e recatadas” (BASTOS; NOGUEIRA, 2016, p. 22).

Por meio dessas histórias, as crianças também constroem seus modos de subjetivação quanto ao gênero e à sexualidade. Segundo Corazza (2001, p. 62) esta subjetivação “se constitui, e é efeito de experiências reais que experimentam o sujeito; constituição que depende da forma que o sujeito assume no jogo de verdade, em um momento histórico dado”. Dessa maneira, os modos de subjetivação produzirão subjetividades específicas, pois são as práticas e os processos de constituição de cada sujeito com o que ele cria de relações com tudo o que convive.

Ressalta-se que o conceito de discurso aqui utilizado se fundamenta na perspectiva de Foucault (1996) e refere-se a um conjunto de regras históricas, contextualizadas no tempo e no espaço e que produzem efeitos de verdade. São imperativos que se impõem a nós como regimes de verdade. Esta dinâmica faz com que cada pessoa ocupe sempre uma posição numa rede discursiva de modo a ser interpelado por uma série de discursos que institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis.

A partir dessa concepção, parte-se do princípio de que a literatura infantil foi acionada e produzida por diferentes discursos, tendo sua presença nos currículos que se destinam às crianças justificada por esta rede discursiva. Atualmente, a justificativa da importância da literatura infantil, especialmente dos contos de fadas nos currículos escolares, ocorre por meio do discurso do letramento literário e pedagógico, do discurso psicanalítico e do multicultural. Tudo isso não se dá sem disputas para se firmar algumas verdades acerca de

(1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859): “A Bela Adormecida; Branca de Neve; Chapeuzinho Vermelho; Rapunzel; João e Maria”. Hans Christian Andersen (1805 – 1875): “A roupa nova do Imperador; O Patinho Feio; A pequena vendedora de fósforos; A Pequena Sereia; A princesa e a ervilha”. Joseph Jacobs (1854 – 1916): “João e o pé de feijão; A história dos três porquinhos”.



variados temas, como gênero e infância, por exemplo, como mostramos ao longo deste artigo.

2. A literatura infantil, o discurso pedagógico e discurso do letramento literário

Quando a escola se institucionaliza e começa a ensinar crianças, a literatura infantil é acionada pelo discurso pedagógico para ensinar diferentes coisas. Segundo Favacho (2008), o discurso pedagógico opera para ensinar aos aprendizes uma “sequência de hábitos, exercícios, ritos, exames, dramas que lhe ocuparão cada dia, cada noite, enquanto for estudante” (FAVACHO, 2008, p. 102). É um tipo de discurso que tem origem no discurso religioso, na medida em que busca produzir no estudante características de um aprendiz recolhido e dedicado com o objetivo de construir aprendizagens duradouras (FAVACHO, 2008). De acordo com Radino e Oliveira (2017, p. 13), “a forma como os contos de fadas são utilizados na alfabetização está diretamente relacionada à concepção de infância que permeia o discurso pedagógico”. Para as autoras, fazer uso desse tipo de literatura na escola é considerar especificidades das crianças, como a fantasia e o brincar, sem antecipar sua inserção no mundo adulto. De modo semelhante, Caldeira e Paraíso (2016, p. 170) afirmam que a presença da literatura infantil nas práticas escolares do Ensino Fundamental “serve tanto para garantir que as crianças se alfabetizem e letrem, como para proporcionar a manutenção de certas características infantis, tais como a imaginação, a criatividade e a fantasia” (CALDEIRA; PARAÍSO, 2016, p. 170).

O discurso pedagógico mostra como a literatura é importante para produzir o gosto pela leitura, a ampliação do universo literário, a fruição, as habilidades de leitura etc. Evidencia-se nesse discurso a emergência da centralidade da literatura infantil no currículo escolar voltada para o ensino de diferentes habilidades e conhecimentos. Assim, a literatura infantil tem sua presença justificada no currículo dos anos iniciais do ensino fundamental por



ser um artefato que permite tanto o ensino de habilidades de leitura e escrita, como o respeito às características historicamente construídas para as crianças.

Recentemente, o discurso pedagógico tem se utilizado do discurso do letramento literário para trazer a literatura infantil de forma mais intensa para o currículo da alfabetização. Esse discurso reforça a intenção da escola de “ensinar a apreciar os textos literários como uma experiência estética aprendendo a leitura literária” (CALDEIRA; PARAÍSO, 2016, p. 172), diz de reflexão, imaginação e construção de sentidos dos textos. Sendo assim, o discurso pedagógico se articula ao discurso do letramento literário para instituir a ideia de que a literatura infantil, em suas várias funções, é acionada para entreter, causar prazer e despertar emoções, ao mesmo tempo em que pode ser usada como artefato pedagógico que objetiva ensinar determinados elementos.

Uma das evidências disso é garantida por documentos oficiais que norteiam a Educação brasileira. Na Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, é ressaltado o trabalho com os contos de fadas na disciplina de Língua Portuguesa nos primeiros anos do Ensino Fundamental, no campo artístico-literário, na habilidade (EF15LP16) “Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas” (BRASIL, 2018).

No primeiro ciclo, fase particular da alfabetização, o trabalho com os contos de fadas é recorrente, como evidencia a pesquisa desenvolvida por Oliveira (2013) que, em observação de uma classe de primeiro ano na rede municipal de Belo Horizonte, constatou que a professora “trabalha com o tema Contos de fadas” e que no momento da observação a história era “Branca de neve e os setes anões”. Isto também pode ser evidenciado por meio de inúmeras páginas na internet que oferecem sugestões de atividades e planejamentos de alfabetização a partir do trabalho com os contos de fadas. Exemplo disso é a plataforma de uma revista pedagógica já bastante



popularizada, a “Nova Escola”. Em uma busca simples e rápida em seu site⁴ é possível obter cinquenta planos de aulas para o primeiro ciclo do Ensino Fundamental envolvendo a temática dos contos de fadas.

Tudo isto demonstra como a literatura infantil, por meio dos contos de fadas, é apresentada como uma instância importante do currículo da alfabetização. Ela tem relação com o saber e com o poder, no sentido de produção de efeitos de verdade nesse currículo. Desse modo, “está envolvida também com a produção de diferentes modos de ser e estar no mundo” (CALDEIRA; PARAÍSO, 2016, p. 168).

3. A Literatura infantil e o discurso psicanalítico

A literatura infantil, como já explicitado, é produzida por diferentes discursos e é entendida de variadas formas em nossa sociedade. No campo da psicanálise, ela tem sido interpretada como artefato que atua na produção de comportamentos e personalidades, na medida em que é utilizada com a criança para ajudar “a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (BETTELHEIM, 1979, p. 13). Essa concepção compõe uma parcela do discurso psicanalítico acerca da literatura infantil, pois a partir de narrativas diversas, exploram-se elementos simbólicos com vistas à formação da moralidade. Segundo Radino e Oliveira (2017, p. 34):

os psicopedagogos tem percebido que os contos de fadas agradam às crianças e podem ajudá-las a resgatar o prazer no processo de aprendizagem; além de ser um instrumento terapêutico, na medida em que auxilia a criança a elaborar determinadas situações conflituosas.

A obra “*A psicanálise dos contos de fadas*” (BETTELHEIM, 1979) tornou-se um livro de referência nas áreas da Psicologia e da Pedagogia porque

⁴ O resultado desta busca está disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/busca?query=contos%20de%20fadas&disciplina=L%C3%ADngua%20Portuguesa&anoPlanoAula=1%C2%BA%20ano~2%C2%BA%20ano~3%C2%BA%20ano>



sistematiza e dá caráter de verdade para esse discurso. Na publicação, o autor destaca que a literatura é um dos meios que melhor transmite a herança cultural às crianças, sendo também de grande ajuda no seu desenvolvimento psicológico, emocional e moral. Segundo ele, “os contos de fadas têm grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da estória” (BETTELHEIM, 1979, p. 26). Na concepção do discurso psicanalítico, os contos de fadas oferecem elementos simbólicos que atingem a “mente ingênua da criança” (BETTELHEIM, 1979, p. 14) possibilitando assim atuar na personalidade dela por meio dos problemas humanos universais que são colocados nas narrativas, tais como a finitude da vida, os obstáculos das frustrações, as relações amorosas e outros dilemas existenciais.

Outra parcela do discurso da psicanálise pode ser encontrada na obra “Fiando palha, tecendo ouro: o que os contos de fadas revelam sobre as transformações na vida da mulher” (GOULD, 2007). O livro aborda os contos de fadas para falar de forma simbólica sobre as transformações que as mulheres passam pela vida, em três diferentes estágios: donzela, mãe e anciã. Segundo a autora, trata-se de “um livro sobre mulheres, especificamente sobre contos de fadas e a maneira como iluminam as metamorfoses em cada estágio da vida da mulher” (GOULD, 2007, p. 12). Para Gould, os contos de fadas mostram suas heroínas vivendo situações de sofrimentos e privações para que possam formar uma personalidade forte, capaz de sobreviver aos “perigos do mundo”, numa simbologia da passagem da infância para a juventude e de proteção do lar, mãe, para a sabedoria dos mistérios da vida.

Darnton (1986) se mostra preocupado com a interpretação que a psicanálise faz dos contos de fadas, uma vez que as narrativas sofreram inúmeras edições e não resultam de obras fixas e textos ortodoxos. Outra crítica acerca do discurso psicanalítico refere-se ao seu caráter de abordagem da literatura infantil sob o viés hegemônico, heteronormativo e prescritivo quanto aos padrões de gênero. Para Foucault (2017) o discurso da psicanálise



afastou um modo de pensar a subjetividade como complexa, social e marcadamente “plural”. Entretanto, apesar dessas críticas, a psicanálise ainda se constitui em um importante discurso no qual podemos encontrar bases para que a literatura infantil continue marcando território nos currículos, especialmente no currículo da alfabetização.

4. A literatura infantil e o discurso multicultural

O discurso multicultural problematiza a literatura infantil e propõe que outras verdades sejam incluídas. Sabe-se “que a literatura infantil, durante muito tempo insistiu em um discurso monológico não preocupado com o desafio da diferença” (FREITAS, 2014, p. 50). Os contos de fada são, tradicionalmente, pouco multiculturais ao apresentar, na maior parte das histórias, o imperativo da heteronormatividade e da branquitude. Somente a partir das lutas de diferentes movimentos sociais (movimento negro, movimento feminista, movimento LGBTI, por exemplo) tem-se procurado incorporar outras verdades a esse artefato cultural.

Segundo Louro (2018, p. 40) “outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas”. Dentro da perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais, a generificação dos corpos nas obras da literatura infantil, especialmente nos contos de fadas, é um dos aspectos questionados. Isto porque, no geral, essas histórias representam um contexto de relações de gênero na ordem binária, assim como “a sexualidade humana acompanha a expectativa binária antes mesmo do sujeito romper com a vida intrauterina; a pergunta que acompanha o ser em gestação é qual o sexo deste e qual nome será dado” (LUCIFORA, 2017, p. 23) marcando, assim, uma tendência ao limite da generificação do feminino e do masculino.

Sendo assim, ao ler e escutar a leitura dos contos de fadas no currículo da alfabetização, as crianças constroem subjetividades acerca de várias



questões. Ao atuar nos processos de subjetivação das crianças, os contos de fadas carregam significados que reforçam a cultura de certo tempo e lugar. Segundo Cagliari (2009, p. 151) “a leitura leva à aquisição da cultura, mas é a cultura que explica muito do que se lê, não apenas o significado literal de cada palavra de um texto”. Assim, os modos de subjetivação em relação a gênero e sexualidade são uma vertente de que o discurso multicultural se ocupa.

Caldeira e Paraíso (2016) destacam que a literatura infantil, desde a sua invenção, tem sido usada para ensinar comportamentos nas escolas e ativada, contemporaneamente, para trabalhar temas relacionados à diversidade. A reivindicação atual é de que a literatura infantil seja acionada para uma formação cada vez mais plural. Freitas (2014) destaca que a temática da diferença, por exemplo, invadiu diversos campos e “está inserida em um jogo sócio-político que se materializa também no discurso literário” (FREITAS, 2014, p. 49). Para a autora, a “diferença passa a querer também dialogar com a literatura infantil, a protagonizar este lugar” que também produz verdades, normas, saberes e, conseqüentemente, subjetividades.

Hoje, há uma disputa discursiva que ora coloca a importância de a literatura trazer a diversidade para suas narrativas, ora há uma tentativa de manter os padrões conservadores. Este quadro, que, a princípio, pode parecer desanimador, traz também a possibilidade da reflexão diante da complexidade, pois “aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas”. (LOURO, 2018, p. 40). Nesse sentido, por exemplo, o discurso multicultural problematiza o atual cenário conservador, onde a censura aos livros que abordam a diversidade vem ganhando força. Vê-se isso no episódio recente na Bienal do Livro no Rio de Janeiro. O prefeito Marcelo Crivella ordenou que fossem recolhidos exemplares dos quadrinhos "Vingadores, a cruzada das crianças" devido à imagem de um beijo entre os dois personagens masculinos na revista. O ocorrido mobilizou diversas mídias e ilustra o quadro de cerceamento à liberdade de circulação de obras que apresentam a diversidade, particularmente no que se refere ao gênero e à sexualidade.



Também neste movimento de contestar outras verdades, tem aumentado o número de publicações de livros de contos de fadas contemporâneos que representa este discurso multicultural. São obras que resultam das discussões e proposições dos movimentos feministas das duas últimas décadas. Nas histórias é possível ver os personagens em situações diferenciadas das tradicionais, contrapondo as lógicas binárias de gênero e apresentando outras possibilidades de representações⁵.

5. Considerações finais

Os contos de fadas compõem a literatura infantil desde o surgimento de produções de narrativas voltadas para as crianças. De modo geral, estes contos são apresentados em uma perspectiva cultural de tempos antigos – modelo de feminilidade e masculinidade, relações binárias, entre outras características – do início das sociedades modernas. De lá para cá, algumas coisas mudaram acerca dessas histórias; elas se popularizaram, foram e são recontadas de diferentes formas. Mas permanecem fazendo parte dos processos de ensino de que as crianças participam. Os contos de fadas, como um artefato que ensina e produz modos de subjetivação, é resultado de construções culturais diversas. Esse artefato ensina os/as leitores/as como se comportar e como perceber o mundo a sua volta. Especificamente neste estudo, considera-se que a literatura infantil é, “entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (SILVA, 2005, p. 97).

Perceber a forte presença desses contos no ensino com crianças nos mostra a permanência de saberes que perpassaram o tempo, com caráter de legitimidade. Evidencia o sucesso da produção de discursos em diferentes contextos de uso e significação dessas histórias. Esses discursos produzem

⁵ Alguns exemplos de livros são: “Príncipe Cinderelo” (COLE, 2006), Coleção “Antiprincesas” (Editora Chilena Chirimbote, 2015), “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008), Coleção “A revolução das princesas” (PLAN Internacional, 2019), “Rapunzel e o Quibungo” (COELHO, 2012).



subjetividades e visam à construção de verdades na constituição dos sujeitos, uma vez que “o sujeito é um efeito das linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, das enunciações, dos modos de subjetivação, dos modos de endereçamentos, das relações de poder-saber” (PARAÍSO, 2014, p. 31, grifo da autora). Esses contos atuam como currículo na alfabetização de crianças e ensinam modos de ser e estar generificados a partir do comportamento ilustrado nessas narrativas.

Ao pensarmos na complexidade da formação das crianças em um contexto social cada vez mais conservador para se discutir gênero e sexualidade, com a propagação de ideias sexistas, torna-se urgente visibilizar pesquisas que discutam a produção de subjetividades nas escolas. Para Freitas (2018, p. 115) as “histórias voltadas para crianças não se constituem só de encanto e diversão, elas também produzem sentidos sobre o mundo e as coisas do mundo; ensinam sobre raça/etnia e gênero; instituem normas e governam condutas”.

Sendo assim, os contos de fadas operam como um currículo que aciona modos de subjetivação generificados no currículo da alfabetização. Para Corazza o currículo se localiza na “rede discursiva das relações de poder-saber-subjetividade” (2001, p. 15). Dessa forma, essas histórias são significadas por diferentes discursos que embasam a inserção desta literatura no currículo escolar. Ao centrarmos a análise nas subjetividades disponibilizadas no currículo da alfabetização, por meio dos contos de fadas, esse caráter emerge de maneira emblemática na vida das crianças.

Referências

- BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. *Dimensões*, v. 36, p. 12-30, jan./jun. 2016.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.



CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na sala de aula).

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (Edições do Senado Federal; v. 107-A).

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?: pesquisas pós-críticas em Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. Relações de gênero nos kits de literatura afro-brasileira distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: razão e emoção para regular corpos na literatura infantil. In: PARAÍSO, Marluce Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

GOULD, Joan. *Fiando palha, tecendo ouro: o que os contos de fadas revelam sobre as transformações na vida de uma mulher*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7-42.

OLIVEIRA, Leandra Martins de. *Trabalho docente e mudanças curriculares: um estudo sobre a rede municipal de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2013.

RADINO, Glória; OLIVEIRA, Maria Lúcia de. Os contos de fadas na alfabetização. *Temas em Educação e Saúde*, [S.l.], mar. 2017. ISSN 2526-3471. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9503>. Acesso em: 31 maio 2019. DOI:<https://doi.org/10.26673/tes.v5i0.9503>.

SILVA, Alexander Meireles da. O conto de fada e a problemática do pertencimento social. *Revista Espaço Acadêmico*, Ano IV, n. 39, 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/039/39esilva.htm>.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.